

MODERNIZAÇÃO URBANA EM *QUARTO DE DESPEJO*: DIÁRIO DE UMA FAVELADA

Lucila Caldas Pires Barbosa
 Gabriel Fernandes de Miranda

Resumo: Este artigo analisa a crítica à modernização urbana presente em *Quarto de despejo: Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, relacionando os processos de transformação urbana de São Paulo a partir da década de 1950. A modernização, marcada por intervenções urbanas que privilegiaram o centro e expulsaram populações mais vulneráveis para áreas periféricas, configurou um modelo de desenvolvimento que reforçou desigualdades e a exclusão social. O objetivo da pesquisa é compreender como Carolina revela essas contradições da modernização urbana, por meio dos seus registros diários na favela do Canindé, expondo condições de vida precária, como fome, discriminação e abandono pelo poder público, constituindo, assim, um contraponto ao desenvolvimento urbano. A partir de uma abordagem qualitativa e de uma leitura cerrada da obra, conforme Durão (2020), o estudo analisa como Carolina critica as contradições da modernidade, expondo a distância entre o discurso do progresso e a realidade das populações marginalizadas. Além disso, o trabalho articula conceitos sociológicos da modernização apontados por Giddens (2002) a aspectos da modernidade pensados por Benjamin (1994). Argumentamos que a narrativa de Carolina funciona como denúncia e crítica social, atravessando o cotidiano das favelas e permitindo compreender como a modernização urbana reforçou a marginalização dos favelados.

PALAVRAS-CHAVE: modernização urbana, favelização, Carolina Maria de Jesus, racismo estrutural, desigualdade social.

URBAN MODERNIZATION IN *QUARTO DE DESPEJO*: DIÁRIO DE UMA FAVELADA

Abstract: This article analyzes the critique of urban modernization present in the work *Quarto de despejo: Diário de uma Favelada*, by Carolina Maria de Jesus, relating it to the processes of urban transformation in São Paulo from the 1950s onwards. Modernization, marked by urban interventions that privileged the city center and expelled more vulnerable populations to peripheral areas, configured a development model that reinforced inequalities and social exclusion. The

objective of the research is to understand how Carolina reveals these contradictions of urban modernization through her daily entries in the Canindé favela, revealing precarious living conditions such as hunger, discrimination, and abandonment by public authorities, thus constituting a counterpoint to urban development. Using a qualitative approach and a close reading of the work, as per Durão (2020), the study analyzes how Carolina critiques the contradictions of modernity, exposing the distance between the discourse of progress and the reality of marginalized populations. Furthermore, the work articulates sociological concepts of modernization as pointed out by Giddens (2002) with aspects of modernity thought by Benjamin (1994). We argue that Carolina's narrative functions as a denunciation and social critique, passing through the daily life of the favelas and allowing us to understand how urban modernization reinforced the marginalization of favela residents.

KEYWORDS: urban modernization, favela formation, Carolina Maria de Jesus, structural racism, social inequality.

Introdução

A modernização urbana tem sido um tema central nas discussões sobre o crescimento e a evolução social do país. A busca incessante por avanços nas áreas de infraestrutura e urbanização, principalmente a partir da década de 1950, resultou em mudanças profundas no espaço urbano, com a criação de novos bairros, avenidas e construções. Contudo, esse processo não foi igualitário, criando um cenário de exclusão para as classes mais pobres, que passaram a ser despejadas das áreas centrais em nome do progresso, enquanto se viam confinadas em espaços periféricos e precários, como as favelas. Nesse contexto, *Quarto de despejo: Diário de uma Favelada* (1993), de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), emerge como um relato envolvido com as mazelas de uma sociedade marcada pela desigualdade social e pela segregação espacial.

A obra de Carolina Maria de Jesus não apenas narra a dura realidade da favela do Canindé (SP), onde a autora residia, mas também oferece uma crítica ao processo de modernização urbana que se desenrolava em São Paulo. A autora, por meio de seus diários, descreve as condições precárias de vida enfrentadas pelos moradores das favelas, que, longe de serem inseridos no processo de modernização, foram marginalizados e excluídos. A crítica de Carolina à modernização urbana, visível desde a metáfora que intitula a publicação de seu

livro, aponta para um descompasso entre os novos contornos da cidade e o abandono endereçado aos moradores das favelas.

O problema de pesquisa que orienta este estudo é: De que maneira texto em análise faz uma crítica à modernização urbana e seus efeitos sobre os moradores da favela do Canindé? Este artigo busca investigar como a autora, através de sua vivência e de seu olhar aguçado sobre a realidade de sua comunidade, questiona os processos de urbanização que desconsideram as necessidades e a dignidade dos mais pobres.

A hipótese deste trabalho é que *Quarto de despejo* vai além de uma simples narrativa de experiência, atuando como um manifesto contra a modernização urbana que, ao ignorar os aspectos sociais e humanos da vida nas favelas, perpetua a exclusão e a marginalização dos seus habitantes. A obra em tela oferece um contraponto aos discursos do poder, demonstrando os elementos excluídos da propaganda da modernidade e dos processos de modernização. Para isso, será realizada uma revisão de literatura que dialoga com os conceitos de modernização urbana, favelização e desigualdade social, buscando articular os aspectos sociológicos e literários presentes no livro.

Este trabalho se utilizará da leitura cerrada como metodologia científica de análise literária. Esse método, definido por Fábio Durão como “uma atenção extrema aos potenciais de significação do texto em todas as suas dimensões” (Duração, 2020, p. 46), permite a conexão entre elementos formais e temáticos, promovendo a unidade entre matéria literária e seus efeitos políticos, tal como interessa destacar nesta pesquisa.

Torna-se importante discorrer sobre essa temática, pois já se passaram mais de cinco décadas desde que o livro foi publicado, de forma que os registros de Carolina são ainda hoje a “voz de denúncia” dos negros que sofrem preconceito, da mãe solteira que batalha para cuidar sozinha dos filhos e do morador da favela que luta para ter o que comer todos os dias. Em um levantamento bibliográfico, nota-se que a temática da modernização aparece de forma pouco explorada nos estudos sobre a obra. Sendo assim, a pesquisa visa contribuir para futuras análises de *Quarto de despejo*, adicionando camadas de crítica econômica e política às temáticas já amplamente discutidas da questão racial, da posição feminina e da escrita de si.

1. Crítica à modernização urbana

Na obra analisada nesta pesquisa, nota-se uma contradição entre a modernização da cidade de São Paulo e a marginalização do espaço da favela diante deste suposto progresso urbano. A narrativa da autora evidencia uma profunda insatisfação com um modelo urbano que, ao invés de integrar, segregava e marginalizava as populações mais vulneráveis. Tal crítica torna-se evidente quando ela afirma “A favela é o quarto de despejo. E as autoridades ignoram que tem o quarto de despejo” (Jesus, 1993, p. 95).

Segundo Giddens (2002), a modernização é um processo no qual ocorrem transformações na sociedade, resultando em mudanças em diversos aspectos tanto na estrutura econômica, quanto política e cultural. O autor observa em sua análise que esse fenômeno ocasiona uma transição das formas tradicionais de organização para formas mais globais e tecnológicas, caracterizando, assim, a modernidade. Para ele, a sociedade é marcada pelas mudanças na forma de organização social e nas relações de poder, trazendo um novo molde estrutural. Esse processo dinâmico, contudo, produz tensões, incertezas e profundas transformações nas relações sociais.

Nesse contexto, na cidade de São Paulo, nos anos 1950 e 1960, esse cenário já começava a repercutir com o avanço no desenvolvimento industrial e econômico, principalmente com a expansão da população em decorrência do êxodo rural, com novos sujeitos que passaram a habitar no centro urbano da cidade.

Vale ressaltar que neste trabalho, entende-se modernização como um processo estrutural ligado à industrialização, à urbanização e às transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil, especialmente a partir da década de 1950. Já a modernidade refere-se à experiência subjetiva e social produzida por essas transformações, marcada por sentimentos de deslocamento, fragmentação e exclusão. Essa distinção é importante porque permite compreender que, enquanto a modernização urbana prometia progresso material, a experiência da modernidade para sujeitos marginalizados, como Carolina Maria de Jesus, era atravessada pela fome, pela precariedade e pela ausência de pertencimento social.

O governo federal da época, encabeçado por Juscelino Kubitschek, por meio do Plano de Metas e do *slogan* “50 anos em 5”, prometia um avanço na modernização e no desenvolvimento urbano por meio da industrialização. No entanto, esse plano de modernização não foi homogêneo, atingindo de forma desigual os diferentes grupos sociais e espaços urbanos, como as favelas, nas quais pobreza, desigualdade e miséria continuavam reforçando a invisibilidade desses sujeitos. A inauguração de Brasília pelo presidente em 1960 sintetizou claramente o projeto modernizante. Nesse sentido, havia uma acelerada corrida para tornar o país desenvolvido, com a administração JK alavancando o crescimento econômico de uma forma ainda não vista. Como afirma a pesquisadora Germana Sousa:

A vida de Carolina na favela do Canindé contrastava com o projeto de modernização do país promovido pelo governo de JK. Enquanto a nova capital era construída no Planalto Central, Carolina fazia o contraponto, antevendo que a modernização não iria tirá-la da favela (Sousa, 2011, p. 104).

Todavia, essa agitada industrialização gerou altas taxas de inflação, afetando as camadas mais baixas, especificamente os moradores das favelas. Essa alta nos preços é mencionada em diversos registros pela autora: “Os preços aumentam igual as ondas do mar. Cada qual mais fortes...” (Jesus, 1993, p. 54). Carolina, sendo catadora de papel e com três filhos para cuidar, sentia os impactos do aumento dos preços, dificultando ainda mais a luta diária para conseguir comida:

Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo (Jesus, 1993, p. 38).

De acordo com Dos Santos e Scherer (2012, p. 93), “[...] os desdobramentos reais da política brasileira de combate à pobreza ainda não conseguiram atingir as raízes da miséria, cabendo ainda, a esse montante da população, um estado de absoluta carência”, realidade essa que era constantemente enfrentada por Carolina, o que provocava repulsa pelos políticos e sua inação. A escritora sublinha que se eles já tivessem experienciado a mesma

situação de fome e miséria que os favelados viviam, saberiam a cruel realidade, como em uma de suas entradas de diário: “[...] quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre” (Jesus, 1993, p. 35).

Nesse sentido, a autora relata que os líderes políticos apareciam nas favelas apenas em função do ganho de votos, e que os argumentos utilizados por eles seriam justamente a promessa pela baixa dos preços, por saberem a condição precária dos favelados, o que viria a minimizar a fome. Diante disso, afirma:

(...) Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. (Jesus, 1993, p. 34).

Ela destaca que é somente na época de eleição que o “quarto de despejo”, termo relacionado por ela à favela, é lembrado pelos políticos. No entanto, as promessas ficam somente na teoria, pois quando ganham, esquecem e simplesmente a fome persiste, tornando-se um problema contínuo como ela reitera: “[...] de quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas” (Jesus, 1993, p. 36).

A fome é descrita por Carolina com frequência e de forma cruel: “[...] percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago” (Jesus, 1993, p. 39). A autora vivencia a falta de comida constantemente, além da ausência de itens considerados simples, como sabão, e o pouco dinheiro que consegue é reservado para o alimento:

E no caso dela e de muitas pessoas que moram na favela por ela descritas, muitas vezes não se consegue sequer o mínimo para atender a sobrevivência. Daí se recorre aos tomates e linguças no lixo, às doações de móveis, à caridade etc: e quando não se consegue nenhuma dessas há que se encarar a crueza da fome. Suas passagens em que escreve tais momentos remetem à experiência urbana da pobreza e da fome particular do século XX: passa-se fome justamente numa sociedade de fartura, há comida demais, mas ela é mediada pelas leis do preço e da oferta. Diferentemente do dualismo, que associa a fome ao atraso e ao subdesenvolvimento, ou que há falta de gêneros, para Carolina a coisa é simples: ela tem a ver com o preço, o custo de vida e a falta de dinheiro, e se passa fome porque trata-se de mercadorias (De Lara, 2016, p. 28).

Nesse sentido, a autora denuncia essa realidade ao descrever como ela e seus filhos passavam por dificuldades básicas:

[...] Não tinha papéis nas ruas. E eu queria comprar um par de sapatos para a Vera. (...) Segui catando papel. Ganhei 41 cruzeiros. Fiquei pensando na Vera, que ia bradar e chorar, porque ela quando não tem o que calçar fica lamentando que não gosta de ser pobre. Penso: se a miséria revolta até as crianças... (Jesus, 1993, p.59).

Ao retratar sua vida cotidiana, ela denuncia a ausência de uma cidade inclusiva e afirma que, enquanto esse projeto modernizador prometia o progresso para a cidade como um todo, ele falhava em atender às necessidades dos desfavorecidos. No trecho acima, notamos que a impossibilidade de um par de sapatos para sua filha Vera funciona como retrato das desigualdades sociais enfrentadas por Carolina.

Segundo Alonso e Toniosso (2009), os escritos de Carolina estão longe de fazer parte do modelo de modernização, sendo a favela o oposto disso, como se esse espaço estivesse invisibilizado pelo Estado, em condições de pobreza extrema. Desse modo, ela criticava a política institucional, afirmando que o país teria que ser governado por alguém que tivesse vivido as mesmas mazelas enfrentadas pelos favelados, pois só assim saberia governar, de fato, em prol de todo o povo.

Desse modo, é possível relacionar a favela do Canindé com a cidade de Paris analisada por Walter Benjamin em *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo* (1994). Para o autor, a modernidade é sinônimo de grandes transformações, como na ascensão das mercadorias e pela transformação do “ser” poeta, que acaba por entrar em conflito com esse “mundo moderno” que a sociedade de Paris vivencia.

Nesse contexto, Benjamin identifica algumas figuras simbólicas da modernidade, como o *flâneur*, indivíduo que vaga pela cidade sem rumo, atuando como um observador de tudo ao seu redor, mas que não está integrado a essa modernidade, sentindo-se totalmente deslocado. O *flâneur*, ao mesmo tempo que é seduzido pelos meios de consumo, é excluído desse mundo, ocasionando, assim, um sentimento de estranhamento e solidão.

Embora inserida em uma realidade social muito distinta daquela descrita por Benjamin, Carolina também ocupa uma posição de observadora da cidade, uma vez que a percebe a partir de uma condição marcada pelo distanciamento e pela exclusão. Ainda que seja possível aproximar Carolina da figura do *flâneur* benjaminiano, é necessário considerar as diferenças de classe e posição social entre ambos. Diferentemente dele, cuja circulação pela cidade está associada ao ócio e à contemplação, ela percorre as ruas de São Paulo impulsionada pela necessidade de sobrevivência. Dessa forma, sua condição de observadora da cidade não decorre de uma posição privilegiada diante da modernidade, mas da experiência concreta da exclusão produzida por ela.

Outra figura que também pode ser relacionada a Carolina é o trapeiro, aquele que recolhe os restos da sociedade industrial e da lógica da mercadoria. Ao catar papel pelas ruas da cidade de São Paulo, ela transforma o lixo descartado pela sociedade, ou seja, os “restos”, em meio de sobrevivência e de denúncia social. A sua escrita é construída a partir do que a sociedade moderna rejeita. Essa construção fragmentária pode ser vista de duas maneiras: de modo material, relacionado à recuperação de cadernos e livros que servem de suporte à sua escrita, e de modo simbólico, já que o que ela registra nos diários é a sua própria posição marginalizada.

A modernidade, na perspectiva de Benjamin, configura-se como uma experiência marcada por profundas contradições, na qual coexistem tanto os aspectos destrutivos e alienantes do capitalismo industrial quanto as possibilidades de transformação e emancipação proporcionadas pelas tecnologias e pela dinâmica da vida urbana. Nesse contexto, o indivíduo moderno é frequentemente atravessado por sentimentos de deslocamento, estranhamento e fragmentação diante das rápidas transformações da vida social. Em *Quarto de despejo*, essa experiência de desamparo pode ser aproximada dos momentos em que Carolina cogita o suicídio diante da fome, da miséria e da ausência de perspectivas. Em uma das entradas do diário, podemos visualizar essa lógica: “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome” (Jesus, 1993, p. 89-90).

Os escritos da autora jogam luz sobre as contradições da modernização urbana no Brasil, mostrando como a promessa de progresso e desenvolvimento se traduz, na realidade, em fome, exclusão e desigualdade social para os moradores das favelas. Nesse sentido, o livro pode ser lido como testemunho que registra e resiste à marginalização, sendo possível tomar sua escrita como elemento de reflexões sobre o futuro das cidades e a necessidade de uma urbanização mais justa e inclusiva. A voz de Carolina, que por muito tempo permaneceu à margem da crítica literária, continua sendo uma referência importante para a reflexão sobre as desigualdades sociais e raciais, que ainda se perpetuam na sociedade brasileira.

A discussão sobre a modernização urbana não pode ser dissociada da questão racial, uma vez que constitui um elemento central em *Quarto de despejo*. Como mulher negra e moradora de favela, Carolina enfrenta uma dupla marginalização: social e racial. O processo de urbanização não apenas expulsa os pobres das áreas centrais, mas também atinge de forma particularmente intensa os sujeitos racializados, colocando-os em espaços duplamente marginalizados e segregados: retirados do tecido urbano pela favelização e mantidos à margem da sociedade a partir de sua identidade racial. Sendo assim, sua narrativa pode ser lida como uma denúncia não só da desigualdade social, mas também do racismo estrutural presente no Brasil, onde as populações negras e faveladas são submetidas à invisibilidade e ao abandono.

Em seu livro *Racismo Estrutural*, o filósofo Silvio de Almeida (2019) aborda como o racismo estrutural faz parte de um sistema hierarquizado da sociedade, sendo reproduzido por estruturas sociais e econômicas, dificultando o acesso a bens e oportunidades de certos grupos sociais em detrimento de outros, reverberando, nesse sentido, nas desigualdades sociais. Ele relata que a sociedade brasileira foi historicamente moldada pela escravidão e pelo colonialismo, acarretando a exclusão da população negra, que era mantida em condições de marginalização e vulnerabilidade.

Segundo Almeida, o Estado não é um agente neutro, mas participante dessa reprodução do racismo, pois foi construído dentro dessa lógica desigual, ou seja, as leis, as políticas públicas e as instituições governamentais de certa forma reforçam as diferenças sociais das classes. Esse racismo estrutural, na perspectiva

de *Quarto de despejo*, é uma das forças que mantêm a divisão entre o que é considerado cidade e o que é considerado periferia. A favela, vista como local de exclusão e violência, é apresentada como uma expressão dessa divisão, que não é apenas espacial, mas também social e racial. Assim, os escritos de Carolina dialogam com os problemas identificados por Almeida, mostrando como as estruturas sociais e estatais sustentam um sistema em que o racismo define quem pode viver com dignidade e quem é condenado à exclusão ou àquilo que Fanon (2008, p. 26) chama de “zona de não-ser”.

Ao longo da narrativa, a autora transforma a escrita em uma forma de resistir a esse sistema - uma resistência que não se dá apenas nas palavras, mas na própria existência de uma mulher negra, pobre e favelada que se recusa a ser silenciada.

Em uma determinada situação, Carolina conta em seu diário que sofreu preconceito por parte de diretores de circos para os quais ela escrevia peças, em uma dessas amostras ela recebeu o seguinte comentário: “É pena você ser preta” (Jesus, 1993, p. 58). Apesar desse tipo de manifestação racista, Carolina não se via diminuída, pelo contrário, demonstrava orgulho de sua identidade racial e enfatizava: “eu adoro a minha pele negra e o meu cabelo rustico”. Ainda nessa perspectiva, ressalta: “O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém” (Jesus, 1993, p. 58).

Esse trecho evidencia que a autora não aceita passivamente a construção discursiva que sustenta a desigualdade racial. Ao comparar as condições de negros e brancos, ela questiona, a partir de sua própria experiência cotidiana, a lógica que produz e mantém a hierarquia racial. Assim, ela afirma com orgulho seus traços e sua pele negra, negando o discurso de inferiorização. Além disso, evidencia que o racismo não atinge apenas indivíduos isolados, mas intensifica as formas de exclusão vividas pelos moradores das favelas, que, além da extrema pobreza, ainda precisavam enfrentar olhares e comentários discriminatórios.

2. Favelização e exclusão social no Brasil da década de 1950

A década de 1950 no Brasil foi marcada por um processo de urbanização acelerado, impulsionado por políticas de modernização que, embora promovendo o crescimento das grandes cidades, aprofundaram as desigualdades sociais. As grandes transformações urbanas, como a construção de avenidas e edifícios comerciais, muitas vezes não beneficiaram os trabalhadores migrantes que chegavam às cidades em busca de uma vida melhor. Esses migrantes se viam forçados a ocupar áreas periféricas, criando o que seria o início de um processo contínuo de favelização.

O processo de favelização também foi intensificado pela segregação espacial nas cidades. Durante esse período, as áreas centrais das grandes cidades eram destinadas à classe média e alta, enquanto as periferias, onde as favelas se formavam, eram negligenciadas. Esse modelo de urbanização, focado no desenvolvimento das zonas centrais, ignorava a realidade das classes trabalhadoras e as necessidades de moradia de milhões de brasileiros. A favela, nesse contexto, tornou-se um reflexo da falência do modelo de modernização, pois seus moradores eram excluídos do processo de desenvolvimento.

A crítica de Ermínia Maricato (2000) ao modelo modernista/funcionalista adotado no Brasil pode ser relacionada com os registros da experiência narrada por Carolina em sua obra. Para Maricato, a modernização urbana brasileira consolidou uma estrutura de cidade marcada por um dualismo entre legalidade e ilegalidade, em que o Estado opera de forma rígida na “cidade legal” e arbitrária na “cidade ilegal”, sustentando interesses de grupos políticos e do mercado imobiliário.

Essa “modernização excludente”, como a autora define, configura um planejamento urbano que atende a minorias, enquanto produz precariedade, ausência de infraestrutura, risco ambiental e exclusão social para a maior parte da população. Essa dinâmica é visível em Carolina quando descreve a favela do Canindé como o “quarto de despejo”, sendo este um território fora da ordem legal, negligenciado pelo Estado. Enquanto os investimentos públicos se concentram nos bairros valorizados, as políticas urbanas pouco ou nada alcançam os moradores da favela, que vivem em meio à violência e à instabilidade habitacional, exatamente os efeitos apontados por Maricato.

O crescimento das favelas foi uma consequência da ausência de um planejamento habitacional para a população de baixa renda. A falta de soluções habitacionais adequadas fez com que a favela se tornasse o espaço de resistência dos migrantes, mas também um local de precariedade e exclusão.

Por conseguinte, Carolina observa que, enquanto as classes mais altas se beneficiam da construção de grandes avenidas e centros comerciais, as favelas são vistas apenas como um empecilho à “belezura” da cidade. O poder público, representado pelas ações de despejo e remoção das famílias, é retratado como indiferente ao sofrimento dos moradores das favelas:

[...] Ouvi uns buatos que os fiscaes vieram requerer que os favelados desocupem o terreno do Estado onde eles fizeram barracões sem ordem. Varias pessoas que tinham barracões aqui na favela transferiram para o terreno do Estado, porque lá quando chove não há lama. Eles disseram que vão construir um parque infantil. O que eu acho esquisito é que o terreno tinha alvenaria. E foi desapropriado. E agora o Zé Povinho está construindo barraco (Jesus, 1993, p. 65).

O despejo de moradores das favelas, processo que era (e ainda é) realizado para dar espaço a novos empreendimentos e para a construção de grandes projetos urbanos, é criticado na obra. Na perspectiva da escritora, o processo de modernização não é uma melhoria, mas sim uma forma de apagar os pobres da paisagem urbana, uma tentativa de eliminar os rastros da pobreza para que a cidade possa “brilhar” aos olhos dos mais abastados.

Dessa forma, os moradores das favelas eram vistos como “desafios” a serem enfrentados pelas autoridades, e não como cidadãos com direitos. Essa visão estava diretamente ligada à ideia de que a cidade, para ser moderna, precisava se livrar da “sujeira” e do “caos” que representavam as favelas.

Em sua análise, Pentagna (2023) aponta que a percepção de Carolina sobre o poder público, muitas vezes ausente e indiferente, é uma das críticas mais afiadas em sua obra. A autora mostra como a população das favelas é tratada como um “excedente” que deve ser descartado ou escondido para que a cidade possa exibir uma fachada de modernidade. Esse sentimento de desamparo diante das políticas públicas é palpável em sua obra, onde relata suas dificuldades em conseguir o mínimo para sobreviver.

Em muitos momentos, a autora vê sua vida como uma luta constante contra um sistema que a ignora, e seu trabalho literário se torna uma forma de dar voz a esses invisíveis, como ela mesma se via: “[...] Comprei um pão as 2 horas. É 5 horas, fui partir um pedaço já está duro [...] O pão atual fez uma dupla com coração dos políticos. Duro, diante do clamor público” (Jesus, 1993, p. 47).

Logo, Pentagna (2023, p. 185) afirma que:

A invisibilidade dos pobres nos projetos de desenvolvimento do país e, consequentemente, no orçamento público expressa a ineficácia do Estado brasileiro, idealizado para satisfazer as necessidades de uma pequena parte da sua população. Em *Quarto de despejo* isso é repetido em diversas ocasiões. O poder público é visto como um ente distante, do qual favelados, pobres e negros não fazem parte.

A distância entre o poder público e os moradores das favelas contribui para o sentimento de exclusão presente nos relatos de Carolina. Sob esse viés, ela afirma em seu diário: “[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (Jesus, 1993, p. 28). A autora não se referia à favela como parte da cidade, sua realidade tinha um caráter tão distinto, que parecia não estar dentro dela.

Ainda nesse contexto, escreve:

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas (Jesus, 1993, p. 76).

A estigmatização dos moradores das favelas não se limitava às ações do poder público, mas também se manifestava nas relações sociais cotidianas. Nesse sentido, Dos Santos (2021, p. 294) observa que:

A dureza da vida é narrada pela autora dotada de sentimentos e principalmente de pertencimento de quem vive aquela realidade. Aos sujeitos que compartilham daquela problemática, tudo torna-se mais difícil. Para Carolina Maria de Jesus, a favela não é lugar de ser humano, por vez ela relata que os políticos deviam acabar com as favelas, por não ser um lugar que promovia dignidade e cidadania para os seres humanos, sobretudo os moradores.

A percepção da favela como um espaço marcado pela negação da dignidade também se relaciona com o sentimento de não pertencimento expresso por Carolina ao longo de sua obra. Nesse sentido, Portugal, Ferreira e Barros (2023, p. 60) afirmam que:

Em Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960), a autora não se sente pertencente ao lugar, no qual vivencia suas experiências, o que lhe permite olhar criticamente as condições dos favelados. Sua relutância em ver-se como parte da favela abre precedentes para evidenciarmos que nem todo lugar é constituído como parte mobilizadora da construção identitária.

Embora viva nesse espaço, a autora deseja deixá-lo e integrar-se plenamente à cidade, aspecto que se evidencia quando registra: “[...] E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (Jesus, 1993, p. 33). Seu texto evidencia o conflito identitário vivido pelo morador da favela, decorrente das dificuldades impostas pelo processo de favelização e exclusão. Sua voz, portanto, não se constituiu a partir de uma identificação com a favela, mas sim de uma posição ambígua, como observa também Durão (2023).

Além do desprezo do poder público, havia também o preconceito por parte dos vizinhos, como é possível ler em um trecho: “[...] os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de odio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres” (Jesus, 1993, p. 49).

Essa condição de exclusão vivenciada por Carolina também pode ser compreendida à luz das reflexões de Florestan Fernandes (2008) sobre a passagem da escravidão para a sociedade de classes, processo que manteve a população negra em posições marcadas pela desigualdade e pela exclusão social. Nessa sociedade de classes, o negro traz consigo ainda os resquícios de um passado permeado pelas tensões escravistas, acarretando dificuldades para essa parcela da população adaptar-se à modernidade, tornando-se, dessa forma, sujeitos marcados pela exclusão.

Dessa forma, ao relacionar as reflexões de Fernandes aos relatos de Carolina, é possível perceber as barreiras sociais e raciais que dificultam a

integração da população negra à sociedade e que se perpetuam mesmo após várias décadas da abolição da escravidão.

As experiências narradas pela autora evidenciam que a favelização ultrapassa a questão da moradia, afetando também a construção da identidade, das perspectivas de futuro e do sentimento de pertencimento. Em *Quarto de despejo*, a exclusão social aparece não apenas como condição material, mas como uma experiência cotidiana que marca profundamente a vida dos moradores da favela.

Considerações finais

A análise permitiu compreender como a obra de Carolina Maria de Jesus constitui uma importante crítica às tensões da modernização urbana no Brasil. Embora o discurso oficial da época exaltasse o progresso, o desenvolvimento industrial e a construção de uma nova imagem de país moderno, os diários de Carolina revelam o lado oculto desse processo, como a intensificação da pobreza, o aprofundamento da desigualdade social e racial e a invisibilidade dos moradores das favelas. Ao narrar sua vivência cotidiana na favela do Canindé, a autora expõe a face excludente da modernização, marcada por despejos, ausência de políticas públicas e abandono estatal. A obra mostra, ainda, que o processo de urbanização não se deu de forma homogênea, mas como um projeto seletivo que beneficia determinados grupos sociais enquanto relega aos pobres a condição de “excedentes” do espaço urbano. Essa perspectiva se articula com os debates sobre racismo estrutural, na medida em que evidencia como a modernidade brasileira foi construída sobre bases coloniais e excludentes.

Conclui-se que a crítica da autora permanece atual, pois ainda há na sociedade resquícios de uma modernização excludente. Ao trazer à luz essas questões, o artigo visa provocar leitores e pesquisadores a repensarem os modelos de desenvolvimento urbano, destacando a perspectiva crítica da autora, que oscilava entre o desejo por dignidade e pelos direitos das populações periféricas.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

ALONSO, M.; TONIOSSO, J. P. Revisitando a cinderela negra: literatura e história em quarto de despejo. **Revista Hispeci & Lema**, n. 1, p. 1-6, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 2. ed. Trad. José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, 3).

DE LARA, Fernão Lopes Ginez. Carolina Maria de Jesus: condição favelada, monetarização e trabalho nas primeiras favelas paulistanas. In: SUZUKI, Júlio César; SILVA, Adriana Carvalho (Orgs.). **Estética, poética e narrativa: entre fluidez e permanência nas artes**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p. 19-45.

DOS SANTOS, Andreia Mendes; SCHERER, Patricia Teresinha. Política alimentar brasileira: fome e obesidade, uma história de carências. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 92-105, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/article/view/10777>. Acesso em: 10 out. 2025.

DURÃO, Fábio A. **Carolina Maria de Jesus: quatro movimentos da favela e literatura. Brasil/Brazil**, Porto Alegre, n. 70, p. 61-80, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/131770>. Acesso em: 05 nov. 2025.

DURÃO, Fábio A. **Metodologia de pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008, v. 1.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1993.

LIMA, Telma Cristiane Sasso; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálisis**. Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias. In: ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 3. ed. p. 121-192.

PENTAGNA, Breno. Às margens: a percepção do poder público em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. **Abriu**, v. 12, p. 173–190, 2023. Disponível em:

<https://revistes.ub.edu/index.php/Abriu/article/download/42239/40182/123121>. Acesso em: 08 nov. 2025.

PORTUGAL, Jussara Fraga; FERREIRA, Joelma Gomes; BARROS, Josias Silvano. As Narrativas de Carolina de Jesus no *Quarto de despejo*: dos escritos da cidade à educação geográfica. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 24, n. 95, p. 49-66, 2023. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/66759>. Acesso em: 01 nov. 2025.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. Memória, autobiografia e diário íntimo: Carolina Maria de Jesus: escrita íntima e narrativa da vida. In: BASTOS, Hermenegildo; ARAÚJO, Adriana de F. B. (Orgs.). **Teoria e prática da crítica literária dialética**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2011, p. 86-108.